

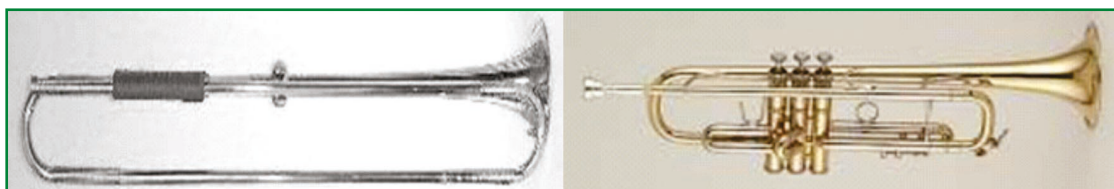
A RELEVÂNCIA DO PISTON (OU CORNET) PARA O RETORNO DO TROMPETE COMO INSTRUMENTO SOLISTA NO SÉCULO XIX

PAULO RONQUI

O trompete é um dos instrumentos musicais que mais teve modificações físicas e estruturais na sua construção ao longo do tempo. Na tabela cronológica divulgada em 1982 pela *International Trumpet Guild* (ITG)¹ identifica-se que os primeiros trompetes, construídos por volta de 7000 anos antes de Cristo, eram elaborados a partir da utilização das conchas do mar e de chifres de animais.

Ao se debruçar sobre as diferentes pesquisas sobre a história do trompete, é possível identificar que seu maior desenvolvimento musical ocorreu a partir do século XVI, configurando dois grupos distintos de trompetes que compõem a história do instrumento: os trompetes naturais² – utilizados primeiramente na renascença; e os trompetes de válvulas, consolidados na primeira metade do século XIX.

Figura 1. Modelo de trompete natural e de válvula



Fonte: Ronqui, 2010.

¹ ITG (1982).

² BONI (2008) esclarece que o trompete natural é o instrumento que não possui sistema de válvulas, pistões ou furos, abrangendo desde os trompetes da Antiguidade à Contemporaneidade.

De acordo com os pesquisadores HERBERT e WALLACE (2002), ao mesmo tempo em que as peças dos períodos Renascentista e Barroco exigiam alto grau técnico dos trompetistas, compositores do período Clássico, tais como Joseph Haydn, Wolfgang Amadeus Mozart e Ludwig van Beethoven, escreveram suas obras com uma função completamente diferente para o trompete, empregando-o como reforço harmônico nos *tuttis* orquestrais, geralmente à parte da melodia.

As composições para trompete, que, nos períodos Renascentista e Barroco, possuíam enorme produção de obras solo, no período Clássico entraram em um enorme declínio.

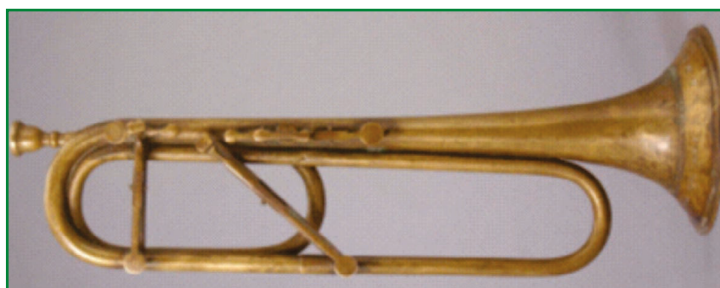
A busca pelo cromatismo no instrumento

A invenção das válvulas foi um dos fatores mais relevantes no desenvolvimento estrutural do trompete, pois proporcionou aos compositores do período Romântico escrever obras mais significativas para o instrumento.

O primeiro trompete inteiramente cromático foi o *Keyed Trumpet* (trompete de chaves). Esclarecem HERBERT e WALLACE (2002) que variados modelos de trompetes de chaves e de *Bugles Keyed* (atualmente conhecidos como flugel-horns) surgiram no final do século XVIII.

Os modelos mais eficazes desses instrumentos foram desenvolvidos pelo trompetista Anton Weidinger (1766-1852), amigo de Joseph Haydn e Johann Nepomuk Hummel. Ambos compositores dedicaram seus respectivos concertos para trompete e orquestra para Weidinger. O concerto de Haydn foi escrito em 1796, já a composição de Hummel foi composta em 1804.

Figura 2. Modelo de trompete cromático desenvolvido por Weidinger



Fonte: https://www.google.com/search?q=pictures+trumpet+from+Weidinger&rlz=1C5CHFA_enBR815BR816&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=S9u5EKRUPXdq6M%252C9Kkjin9rvfipy8M%252C_&vet=1&usg=AI4_kTyP8Kgaol1okLcOXS2eqdB1xxlXQ&sa=X&ved=2ahUKEwj0v4GbvHuAhXF1bkGHWLKBXYQ9QF6BAgMEAE#imgrc=DrhUewFciBLSjM – Acesso em 16/02/2021.

A seguir é apresentada uma cronologia na construção das válvulas descritas por BATE (1972), TARR (1988), BAYNES (1993) e HERBERT e WALLACE (2002) *apud* RONQUI (2010):

▶ 1788 – o primeiro protótipo de Charles Clagget (1740-95). Esse modelo, por possuir muitas deficiências na sua construção, não pode ser considerado um modelo eficiente de válvulas, mas uma tentativa promissora.

▶ 1814/15 – o primeiro invento de válvulas realizado por Heinrich Stöelzel. Entre diferenciados autores é salientada a divergência que houve pela patente do invento por Stöelzel e Friedrich Blümel (1777-1845), pois ambos reclamavam a invenção desse modelo de válvulas. Ao final do embate, a patente foi atribuída a Stöelzel.

▶ 1816 – o desenvolvimento dos mecanismos de retorno das válvulas por meio de molas por Blümel, fabricados por W. Schuster (s/d).

▶ 1821 – a invenção do duplo piston elaborada por Christian Friedrich Sattler (1705-?), denominado “válvula de Viena”. Esse modelo foi patenteado por Leopold Uhlmann (1806-78), em 1830.

▶ 1824 – a invenção do primeiro sistema de rotor, desenvolvido por Nathan Adams (1783-1864). Segundo o pesquisador Edward Tarr, esse invento é erroneamente atribuído a Blümel, no ano de 1828.

▶ 1826 – o aparecimento dos primeiros protótipos com três válvulas tubulares. Com isso, surgiu também o primeiro método para trompete de válvulas, escrito por François Dauverné (1799-1884).

▶ 1828 – a invenção do sistema de válvulas de rotor (*rad-maschine*) por Blümel. O sistema foi patenteado por J. Riedel (? -1840), em 1832.

▶ 1835 – o protótipo de válvulas desenvolvido por Wilhelm Wieprecht (1802-1872), que misturava os sistemas de Stöelzel e de Blümel, denominado *berliner pumventil* (válvula de berlim).

▶ 1838 – o desenvolvimento da *Swivel Valves* (válvulas de disco), elaborada por John Shaw (s/d), fabricadas por Augustus Köhler (? - 1878).

► 1839 – o sistema de válvulas desenvolvido por François Périnet (s/d), denominado válvula de pistões. Esse sistema foi o aperfeiçoamento das válvulas tubulares inventadas em 1826 e se perpetua, na maior parte dos trompetes, até a atualidade.

Outros sistemas foram desenvolvidos após o invento de Périnet, mas não foram significativos, prevalecendo até os dias atuais os sistemas de pistões e de rotor.

Figura 3. Sistemas de pistões e de rotores utilizados na atualidade



Fonte: instrumentos do autor.

É possível identificar que os primeiros trompetes de válvulas a serem usados nas orquestras começaram a ser utilizados com maior frequência a partir de 1840. Declaram TARR (1988), HERBERT e WALLACE (2002) e BATE (1972) que, na segunda metade do século XIX, os trompetes naturais e os de válvulas tocavam lado a lado nas orquestras sinfônicas.

Posteriormente, com o desenvolvimento do *cornet*, os trompetes construídos com as afinações em *Si bemol* e em *Lá* foram adicionados ao repertório orquestral. Importante destacar que esses instrumentos se relacionavam estreitamente com a prática musical de bandas militares, tornando-se populares nesses grupos, o que permitiu seu uso também nas orquestras sinfônicas.

Atualmente os instrumentos que mais prevalecem nas orquestras sinfônicas, mas que não exclui a utilização de outros com distintas afinações, são os trompetes afinados em *Si bemol* e *Dó*, predominando os construídos com rotores ou pistões.

O compositor que primeiro especificou o uso do trompete de válvulas foi Hippolyte André Jean Baptiste Chelard (1789-1861), na obra *Macbeth* (1827)³. Outras obras francesas que continha trechos com trompetes de válvulas foram as aberturas *Waverley* op. 1 (1828) e *Lês francsjuges* op. 2 (1828), ambas de Hector Berlioz

³ DAUVERNÉ (1848) *apud* TARR (1988 p. 163).

(1801-69). Há também as obras de Rossini, *Guillaume Tell* (1829); de Jacques Halévy (1799-1862), *La juive* (1835) e de Giacomo Meyerbeer (1791-1864), *Lés Huguenots* (1836). Richard Wagner (1813-83) adotou na instrumentação de sua primeira ópera (*Rienzi*-1840) partes em que eram usados 2 trompetes naturais e partes com 2 trompetes de válvulas.

Embora o trompete tenha conquistado maior projeção como instrumento idiomático nas obras orquestrais do período Romântico, a criação e o desenvolvimento de obras para *cornet* solo foram responsáveis pela consolidação do naipe de trompete no final do século XIX e início do século XX.

O Cornet no desenvolvimento do repertório para o trompete de válvulas

Relata DAUVERNÉ (1840) *apud* BAINES (1993) que o *cornet* surgiu a partir do experimento de Jean-Luis Antoine Halary (1788-1861), que construiu um *posthorn* com válvulas em 1831, que denominou *petit cornet*. Esse instrumento, por possuir tubulação menor e mais cônica, pode ser considerado mais ágil e de sonoridade mais suave que os trompetes, sendo utilizado inicialmente nas bandas militares e posteriormente nas orquestras sinfônicas.

Por volta de 1833 Hector Berlioz, em seu Tratado de Instrumentação, propôs uma maneira para escrever para dois *cornets* e dois trompetes naturais. SCHWABEL (2001) descreve que “aos trompetes era reservado o apoio harmônico e o tradicional uso como instrumento sinalizador e de caráter heróico”. Ressalta BERLIOZ & STRAUSS (1991) que aos *cornets* eram designados os trechos cantáveis e em conjunto com os corais de metais nas obras.

Figura 4. *Post-Horn* e *Cornet*



Fonte: Ronqui (2010).

CARSE (1964) *apud* SCHWEBEL (2001) comenta sobre as composições francesas que passaram a utilizar o *cornet* com maior relevância:

Nas suas partituras encontramos *cornets* assumindo um papel mais definido na orquestra, não mais tanto junto com os trompetes, mas sim como seus substitutos. Ao escreverem para os *cornets*, esses compositores franceses praticamente abandonaram o velho estilo de se compor para os trompetes, e trataram o instrumento com a leveza de um instrumento melódico (CARSE (1964) *apud* SCHWEBEL (2001)).

Sobre as diferenças na construção dos *cornet*, BAYNES (1993) esclarece que os primeiros *cornets* eram construídos em variadas afinações como *Fá, Sol, Ré e Mi bemol*. A partir da segunda metade do século XIX, se tornaram predominantes os *cornets* construídos com a afinação em *Lá e Si bemol*.

Josef Kail (1795-1871) foi quem primeiro escreveu um método para trompetes de válvulas, de acordo com HERBERT e WALLACE (2002). O cornetista de maior projeção artística do século XIX foi Joseph Jean-Baptiste Laurent Arban (1825-89). Sua publicação de 1864, intitulada *Grande Méthode para Cornet e Trompette*, ainda é considerada uma referência no ensino técnico tanto do *cornet* quanto do trompete nos dias atuais.

Nas descrições de TARR (1988) e BAYNES (1993), os *cornets* foram responsáveis pela popularidade dos trompetes em *Si bemol* e *Dó* nas orquestras, pois possibilitaram o seu uso em dois aspectos: 1 - O retorno do trompete como instrumento solista; 2 - A construção de trompetes afinados na tonalidade de *Si bemol* e *Dó* como referência de afinação na construção do instrumento. Vale ressaltar que esses dois tipos de afinação representam a maioria dos trompetes fabricados no século XX.

Especificamente sobre o retorno do trompete como instrumento solista, é observável que o *cornet* proporcionou a criação de proeminentes obras na segunda metade do séc. XIX, geralmente compostas pelos próprios virtuosos no instrumento. Os estilos mais usados nessas obras para *cornet* foram as Polkas, Fantasia e Tema com Variações. As obras mais relevantes desse período foram as *Variations Sur “Le Carnaval de Venise”*, de J. B. Arban; *The Debutante*, de Herbert Lincoln Clarke (1867-1945); *Grand Russian Fantasia*, de Jules Levy (1838-1903); *Fantasia Brillante*, de J. B. Arban e *Valse Brillante*, de H. L. Clarke.

A realização de transcrições de obras escritas para outros instrumentos e adaptadas ao *cornet* foi um acontecimento importante naquele período. Obras como *The flight of the Bumblebee*, de N. Rimsky-Korsakov (1844-1908) e *Moto Perpetuo*, de Niccolò Paganini (1882-1940) são exemplos de transcrições bem-sucedidas e que requerem um alto nível técnico do instrumentista.

Com o relativo desuso do *cornet* na atualidade, seja por questões financeiras ou por descontextualização estética por parte dos instrumentistas, pode haver um equívoco interpretativo na execução das obras escritas para o instrumento, que certamente alterarão a projeção e a qualidade sonora. Não é raro observar, na atualidade, trompetistas interpretarem obras escritas originalmente para *cornet* substituindo-as por trompetes. Essa prática revela uma distorção na interpretação dessas obras, seja solo ou em naipe, devido às diferenças físicas existentes entre os trompetes, os quais geralmente possuem tubulação 2/3 cilíndricas; com os *cornets*, cuja característica de construção é ser 2/3 cônicos.

De maneira consciente ou inconsciente, há também o erro cometido pelos editores ao trocarem a denominação *cornet* por trompete. Essa troca pode desfigurar consideravelmente a orquestração proposta nas obras e a sonoridade almejada pelos compositores.

Relevância da obra “*Variações para Piston*” para o repertório nacional e internacional

É salutar a importância da edição e da divulgação das *Variações para Piston* de Azarias Dias de Mello no que tange o território nacional para trompete, uma vez que, ao verificar nas pesquisas relacionadas ao repertório para o instrumento, trata-se da primeira obra brasileira para *Piston* (ou *Cornet*) e orquestra com formação reduzida.

Especificamente sobre a denominação *piston*, um dado importante é a possível confusão provocada pelo seu uso. De acordo com Ronqui (2010):

O pesquisador Fernando Binder, atento a esse problema, relata o uso da palavra trompete em português para designar trechos escritos para piston, cornet, corneta, trombe e clarim, o que reduz a utilização de um único instrumento na constituição de um naipe composto por diferenciados tipos de instrumentos (RONQUI, 2010).

Com o propósito de exemplificar e especificar os diferenciados nomes empregados ao trompete, Fernando Binder organizou as diferentes nomenclaturas extraídas dos trabalhos de FETIS (1853), VIEIRA (1899) e MACHADO (1909) apud BINDER (2005), as quais são apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 1. Diferentes Termos para Designar os Instrumentos Trompete e Piston

Instrumento	FETIS (1853)	VIEIRA (1899)	MACHADO (1909)
Trompete natural	Clarim	Clarim	Clarim ou Trombeta Trombeta de Harmonia
Trompete com chaves		Corneta com chaves	Corneta com chaves Trombeta a chaves
Trompete moderno	Clarim a piston	Clarim de pistões	Trombeta a piston
Piston	Corneta a piston	Cornetim	Corneta a piston

Fonte: Ronqui, 2010.

Desta forma, ao constatar que a palavra *piston* indicava o uso de trompetes com válvulas, notadamente o *cornet*, conforme descrito anteriormente, é possível aferir que a obra *Variações para Piston* foi escrita especificamente para o *Cornet*. Este fato a coloca como a primeira obra brasileira escrita para esse instrumento e orquestra.

Vale pontuar que a primeira pesquisa que apresentou uma listagem de obras brasileiras para trompete foi a tese de doutorado de Engelke (1969), no ano 2000, defendida nos Estados Unidos. Sobre as pesquisas acadêmicas realizadas no Brasil que possuem como enfoque o repertório brasileiro para trompete, Maico Lopes esclarece:

Existem as dissertações de Alves da Silva (2002), Ronqui (2002), Beltrami (2006), Pinto (2013), Khattar (2014), Azevedo (2016) e Silva (2016), além da tese de Lopes (2012), que tratam de levantamentos de repertório e catálogos para instrumentos da área de metais – apenas os trabalhos de Ronqui, Azevedo e Lopes tiveram exclusivamente o repertório de trompete como objeto (LOPES, 2019).

Nesses trabalhos acadêmicos encontram-se listagens de centenas de obras brasileiras para trompete com diferenciadas formações, fruto de pesquisas de mestrado e doutorado realizadas em território nacional e estrangeiro.

Contudo, vale destacar que em nenhuma dessas investigações há menção à obra *Variações para Piston* de Azarias Dias de Mello, o que por si, faz da presente publicação um feito inédito.

Quanto ao repertório internacional para trompete, a obra de Azarias se revela extremamente relevante, uma vez que possui escrita semelhante as obras mais importantes compostas para o instrumento no século XIX.

As *Variações para Piston* de Azarias foi escrita no mesmo ano da publicação do *Grande Méthode para Cornet e Trompete* (1864) de Jean-Baptiste Laurent Arban

(1825-89). Nessa publicação, ainda hoje utilizada como referência no ensino de ambos os instrumentos, foi apresentada a obra *Variations Sur “Le Carnaval de Venise”* que se tornou uma das obras de maior relevância para o instrumento. De acordo com SCHWEBEL (2001), ela foi uma das responsáveis pelo retorno do trompete como instrumento solista.

A partir desses dados é possível aferir que a obra apresentada neste livro é uma composição brasileira inovadora para aquela época, quando relacionada ao repertório internacional daquele momento. Ademais, é também de difícil execução para os trompetistas até os dias atuais, uma vez que necessita de extrema proficiência da parte do instrumentista, pois se trata de uma obra com nível de escrita e execução elevados.

Referências

BATE, P. *The trumpet and trombone*. London: Ernst Benn Limited, 1972

BAINES, A. *Brass instruments: Their history and development*. New York: Dover Publications Inc., 1993

BERLIOZ, H.; STRAUSS, R. *Treatise on instrumentation*. Trad. Theodore Front. New York: Dover Publication, 1991.

BINDER, F. Trombeta, clarins, pistões e cornetas no século XIX e as fontes para história dos instrumentos de sopro no Brasil. *XV Congresso da ANPPOM*. Rio De janeiro, Jul. 2005 Disponível em <http://www.anppom.com.br>.

BONI, F. F. Girolamo Fantini: modo per imparare a sonare di trompa (1638): tradução, comentários e aplicações a prática do trompete natural. 2008. *Dissertação de Mestrado* – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2008.

ENGELKE, Luis C. *Twentieth-Century Brazilian Solo Works (accompanied and unaccompanied): A Stylistic Guide and Annotated Bibliography*. 228 f. tese (Doctor of Musical Arts) – Arizona State University, 2000.

HERBERT, T.; WALLACE, J. *Brass instruments*. New York: Cambridge University Press, 2002.

INTERNATIONAL TRUMPET GUILD. *ITG NEWSLETTER – SPECIAL SUPPLEMENT*. Nashville, February, 1982.

LOPES, M. V. Música Brasileira para Trompete e Piano: levantamento de obras e catalogação de repertório. *Revista Vórtex*, Curitiba, v.7, n.3, 2019,

RONQUI, P. A. O naipe de trompete e *cornet* nos prelúdios e sinfonias das óperas de Antônio Carlos Gomes, 2008. 148p. *Tese de Doutorado* – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2010.

SCHWEBEL, H. Trompete e/ou *Cornet*? Uma questão para instrumentistas e compositores. *Ictus*: periódico do programa de pós-graduação em música da UFBA (n. 3). 2001.

TARR, E. *The Trumpet*. Oregon: Amadeus Press Portland, 1988.